ARQUEOLOGIA E FANTASIA

FROES ABREU

Aqui, no Brasil, ao que parece, os arqueólogos não são ainda levado muito a sério.

Há muita gente que se dedica a esses assuntos; aparecem, de quando em vez, artigos nos jornais e revistas, interessantes uns, enfadonhos outros, mas quase todos eivados de fantasia.

São raros os trabalhos autorizados.

O último número da "Revista do Instituto do Ceará" (1927), contém um escrito de valor, sobre artefatos de indígenas daquele Estado, da autoria do Dr. Carlos Studart Filho. Não tenho a satisfação de conhecer o autor; porém, algumas idéias, — o bastante para devotar-lhe muita simpatia e reconhecê-lo idôneo nessa matéria, em que deve ser um mestre, enquanto eu sou apenas um principiante.

Os arqueólogos que pululam em nossa terra, têm idéias as mais extravagantes. Cada qual tem uma teoria mais absurda.

Se fosse preciso classificá-los, seria necessário estabelecer preliminarmente duas divisões: a dos "idôneos", em número restrito, na maioria filiados aos museus oficiais, e a dos "duvidosos", que são em grande número e comportam subdivisões variadíssimas.

O fato de dizer que a maioria dos idôneos tem ligação com os estabelecimentos do governo não implica em negar que haja homens de cultura e responsabilidade, indiferentes ou pouco afeiçoados aos departamentos oficiais.

Tenho sobre a mesa um número do "Correio do Ceará", (13-3-1928), conceituado órgão de Fortaleza, que estampa longo artigo do professor Ludovico Schwennhagen, intitulado "O Segredo de Ubajara".

Não conheço pessoalmente, o Sr. Schwennhagen; suas teorias, entretanto, não me são completamente desconhecidas.

Não procurei inteirar-me delas, pormenorizadamente, porque, em linhas gerais, as reputo sem o menor fundamento.

No citado artigo, o Sr. Schwennhagen faz explanações sobre os temas que se resumem nas seguintes palavras:

A gruta Ubajara, na serra de Ibiapaba, foi um grande fábrica de salitre.

Alexandre Humboldt percorreu-a em 1807, extasiando-se diante do belo panorama, e disse: "Aqui já andou, na antiguidade, o homem branco".

O engenheiro francês Leon Martin, que residiu muito tempo em Ipu, disse que não encontrou naquela gruta nenhum indício de erosão nem de ação vulcânica, de modo que somente a atividade humana poderia ter construido tal obra: não sabia, entretanto, como e com que fim havia sido feita.

Schwennhagen visitou-a em 1925 com a idéia preconcebida de que era obra natural, mas logo que a viu verificou que se tratava de trabalho humano, obra de fundo religioso. Depois, reconheceu que fora uma fábrica de salitre, como ainda hoje (diz ele...). Refere-se que o Sr. Oséas Pinto, de Camocino, durante a guerra européa, tirou dali quase uma tonelada de salitre.

Um certo fazendeiro cujo nome não cita, mandou raspar um pouco da crosta salitrosa e com esse material adubou seus cafezais: foi tão grande o aumento da produção que ficou sendo chamado "rei do café de Ubajara".

Vale a pena transcrever, fielmente, um trecho do artigo:

A minha teoria é agora a seguinte: Os Fenícios que procuraram, na época de 900 a 400 anos antes de Cristo, metais e minerais na serra da Ibiapaba, e andaram aqui com engenheiros egípcios, descobriram o conteúdo salitroso do sub solo da região de Ubajara.

Para tirar esse salitre eles mandaram cavar a grande gruta, como também aquele túnel.

Mais um trechozinho que não deve ser desvirtuado: — "Na lingua dos Egípcios e Fenícios o nome do salitre é "niter" e os Tupis, que eram no Brasil os aliados e auxiliares dos Fenícios, chamaram um rio ou riacho com a água salitrosa "nitere-i".

E assim continua mostrando a importância do salitre nos embalsamentos e atribuindo a Herodoto a seguinte heresia:

"Os Fenícios tinham grandes buracos nas montanhas dos quais eles tiram salitre que se forma ali pela filtração de água".

O artigo em questão é um conglomerado de incoerência, que merece uma contestação em benefício das pessoas que leem para se instruir e não tem bastante descortino para desprezar o que não é verídico.

Não vale a pena comentá-lo na íntegra, bastam três ou quatro tópicos para dar idéia de sua valia.

O primeiro ponto vulnerável é a afirmação de que Humboldt esteve na serra da Ibiapaba em 1807. Se o autor provasse isso, eu imediatamente corrigiria o trecho do meu livro inédito que reza:

Do Brasil o genial naturalista só conheceu o extremo norte da Amazonia...

Humboldt viajou durante cinco anos na América, partiu de La Coruna a 5 de junho d 1799 e regressou à Europa em 1804, desembarcando em Bordéos no mês de agosto.

Desde então passou longos anos elaborando os valiosos frutos da grande viagem pelas Américas... exceção do Brasil. A razão de não se ter dedicado particularmente ao Brasil — foi certamente a atitude infeliz do governo português que julgava a excursão de Humboldt, "altamente prejudicial aos interesses da coroa".

O Sr. Schwennhagen, certamente, leu algures um documento dirigido ao governador geral da Capitania do Ceará, Bernardo Manoel de Vasconcellos, onde se prometia o prêmio de 400$ a quem prendesse "um tal barão de Humboldt natural de Berlim".

Daí a confusão.

Quem esteve na região da Ibiapaba, pouco antes daquela época, foi João da Silva Feijó, naturalista brasileiro, nascido em Guaratiba, formado em Coimbra, amigo de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Feijó, contratado pelo governo "para descobrir salitre, e demais assuntos da História Natural", montou oficinas e chegou a fabricar nitrato de potássio, em Tatajuba, no centro do Ceará, e em Pindoba, na zona da Ibiapaba.

De tudo isso há farta documentação publicada por Paulino Nogueira, fonte preciosa onde colhi material para um artigo inserto na "Revista do Instituto do Ceará", ano de 1925.

Certamente, o Sr. Schwennhagen foi mal informado a respeito da viagem e da frase atribuída a Humboldt.

Só conheço a celebre gruta da Ubajara através das descrições de Antonio Bezerra, dos membros da comissão Freire Alemão e de Horatio Small.

Nenhum deles viu vestígios incontestes de raças préhistóricas.

Ubajara é uma simples gruta, como milhares de outras que ocorrem nas regiões calcareas do Brasil, formada pela ação dissolvente das águas. Como tantas outras, tem grandes salões, cursos dágua, terra salitrosa, estalagmita no solo e estalactitas no teto. Só na região do rio das Velhas, em Minas Gerais, haverá para mais de um milhar delas, pois, Lund explorou nada menos de oitocentas.

Haverá, entretanto, quem acredite que o túmulo do "Homem da Lagoa Santa" foi cavado propositadamente pelos Fenícios a fim de colher "salitre para embalsamamentos?"...

As autoridades em que o articulista se baseia não me são familiares: uma é o Sr. Leon Martin, engenheiro francês, que não

figura na lista dos "estrangeiros no Ceará", do Sr. Barão de Studart, outra é o culto e letrado presidente da sociedade siria em Teresina...

Dois indivíduos citados por ele, não estão de acordo com a teoria: o Dr. Teodoro Sampaio, que não é filólogo nem historiador, diz ele, e o bispo de Sobral, o amável e culto D. José Tupinambá, com quem passei alguns dias agradáveis em 1922, na solitária "Betânia" dos arredores de Sobral.

Continuo a não acreditar nas cidades encantadas no sertão da Bahia, nas Sete Cidades do Piauí, na Atlantida perdida em Mato Grosso, nas minas de prata dos holandeses, nas de Rogério Dias e nas inscrições e obras fenícias garantidas por alguns pesquisadores.

Conhecimento de geologia, etimologia, história e um pouco de bom senso levaram-me a escolher a estrada que vou trilhando.

Felizmente, quando olho para a frente vejo vultos de grande valor que me animam a caminhar para diante, em busca da verdade e me dão forças para resistir às seduções das capitosas veredas da fantasias.

JORNAL DO COMERCIO (Ceará), em 31 de maio de 1928.